

CIÊNCIAHOJE

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA SBPC

NÚMERO 304 | VOLUME 51 | JUNHO 2013 | R\$ 10,95

CIÊNCIA E RELIGIÃO

A conciliação é possível?

INJEÇÃO SEM AGULHA

NOVOS APARELHOS USAM
PRESSÃO PARA APLICAR
VACINAS E REMÉDIOS

RUÍDO QUÂNTICO

Incertezas em medidas
no mundo subatômico têm
diversas utilidades

QUÍMICA NO PALCO

Pesquisador analisa
relações dessa
área com a ópera



Igreja de São José do Ribamar, em Recife (PE), por Frederick Hagedorn (litografia aquarelada)



CRÉDITO: FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, CENHIBA, DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO

IRMÃOS DE COR

PESQUISADOR RESGATA A HISTÓRIA DE DESCENDENTES DE ESCRAVOS QUE CONSTRUÍRAM SUA PRÓPRIA CIDADANIA

Vem dos tempos antigos a ideia de que o trabalho manual é algo 'inferior'. Mas esse estigma foi desafiado por trabalhadores negros que, no Recife oitocentista, construíram a própria história de cidadania. Eram pedreiros e carpinteiros. Especializados em serviços de construção e edificação, valorizavam sua atividade: o trabalho em canteiros de obras era, para eles, sinônimo de orgulho, dignidade, precisão e inteligência. Organizaram então uma singular estrutura associativa, dedicada a práticas de auxílio mútuo e escolarização. À noite, aqueles homens ne-

gros e livres – marcados pelo estigma da escravidão em uma sociedade ainda escravista – reuniam-se para aperfeiçoar conhecimentos e habilidades em aulas de aritmética, geometria plana e língua francesa.

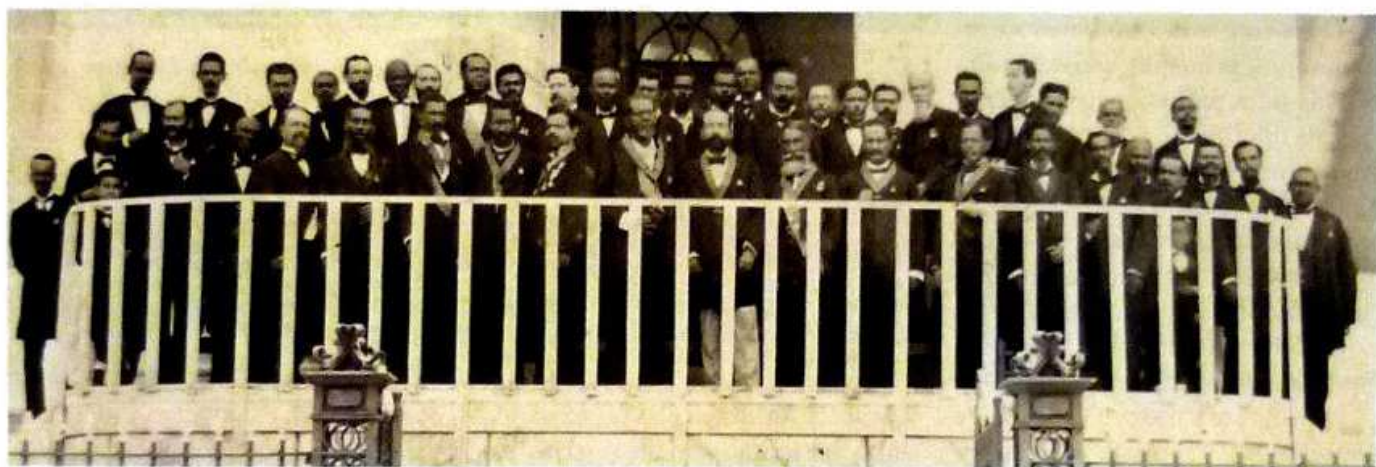
“Para escaparem daqueles estigmas, havia entre eles a convicção de que o trabalho mecânico deveria ser conduzido por um intelecto cada vez mais aperfeiçoado pelo conhecimento sistematizado teoricamente”, conta o historiador Marcelo Mac Cord, que dedicou seu doutorado na Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp) ao estudo do tema. Sua tese resultou no livro *Artífices da cidadania* (editora Unicamp), que, em narrativa envolvente, explora em minúcias o universo peculiar desses trabalhadores negros.

Vale lembrar: muitos africanos e seus descendentes conquistaram a liberdade por meio de lutas travadas mesmo antes da abolição, declarada em 13 de maio de 1888. Nesse ano, somente 15% dos negros ainda eram escravos. A maior parte já era livre (o fim do tráfico se deu em 1850, e a Lei do Ventre Livre entrou em vigor em 1871).



Palacete do Liceu de Artes e Ofícios do Recife, em 1880



Membros da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais no Palacete do Liceu de Artes e Ofícios do Recife, em 1880

ASSOCIATIVISMO NEGRO A história principia em meados do século 18. Num bairro habitado por descendentes de escravos, em Recife, havia uma irmandade religiosa – a Irmandade de São José do Ribamar – que, frequentada por trabalhadores livres e escravos, ganhara do rei de Portugal o privilégio de ser uma corporação de ofício. A partir de então, a irmandade tornou-se o cerne da organização social dos pedreiros, marceneiros e afins. Décadas adiante, já em 1841, fundaram o que entraria para a história como Sociedade das Artes Mecânicas (posteriormente desvinculada da Igreja e rebatizada como Sociedade das Artes Mecânicas e Liberais).

Essa associação cumpria duplo papel: proporcionava aulas noturnas aos artífices desejosos de aperfei-

çoamento intelectual e organizava sistemas mutualistas de ajuda financeira entre os membros. Que de fato ascenderam na pirâmide social. “Desde os primeiros anos de funcionamento do grupo, os trabalhadores de pele escura conquistaram prestigiosos espaços na sociedade recifense”, diz Mac Cord. Sua tese questiona as velhas interpretações históricas generalizantes que apregoavam ser impossível a mobilidade social entre os descendentes de escravos que já eram livres. “Eles conseguiram, sim, driblar importantes limites sociais que foram impostos a seus ‘irmãos de cor’.”

Foi em 1871 – 17 anos antes da abolição da escravatura – que a associação conseguiu o que talvez tenha sido um de seus maiores trunfos: a criação do respeitado Liceu de Artes

e Ofícios de Recife. “Assim entrou definitivamente para o *establishment* pernambucano, assumindo a missão de participar ativamente das políticas nacionais de ‘instrução popular’”, diz o pesquisador.

O estudo desse momento histórico valeu à tese de Mac Cord três importantes laureas: Prêmio Capes 2010; Prêmio Coleção Várias Histórias, da Unicamp; e o Prêmio Arquivo Nacional. Os documentos antigos que permitiram o resgate dessa história, guardados sob os auspícios da Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, estavam abandonados ou esquecidos há décadas.

HENRIQUE KUGLER | CIÊNCIA HOJE | RJ